

De sons e sentidos: a Psicologia da Música sob o olhar da complexidade

Leomara Craveiro de Sá¹ (EMAC/UFG) - lcraveiro@ibest.com.br
Célia Maria Ferreira S. Teixeira² (EMAC/UFG) - celiaferreira@cultura.com.br

Resumo

O presente trabalho é o relato de uma experiência desenvolvida no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Música – da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, através da disciplina Psicologia da Música. Ministrada numa perspectiva transdisciplinar, tem por objetivo promover uma interface de conhecimentos e contribuir para experiências subjetivas rumo às mudanças paradigmáticas voltadas para a música nas mais diversas áreas – Performance, Composição, Música e Cultura, Educação Musical e Musicoterapia. Partindo de aspectos estruturais da música, os conteúdos caminham pelas trilhas do pensamento complexo e sistêmico, visando potencializar atitudes crítico-reflexivas que emergem das experiências subjetivas.

Palavras-chave: Psicologia da Música, Subjetividade, Complexidade

A música manifesta-se e é concebida de diferentes maneiras, dependendo da área em questão – artística, cultural, educacional, terapêutica –, dos objetivos a se alcançar, considerando-se principalmente a existência de uma clientela diversificada, o que gera, conseqüentemente, escutas e ações também diversificadas. Estudos desenvolvidos no campo da Psicologia da Música oferecem subsídios a essas áreas, possibilitando relacionar o potencial da música às suas diferentes manifestações e funções.

O trabalho, em pauta, vem se desenvolvendo na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, que tem ampliado, cada vez mais, a oportunidade de se realizar estudos em nível de pós-graduação (lato e stricto sensu) no campo da Música. No Mestrado em Música, são oferecidas as seguintes linhas de pesquisa: *Performance Musical e suas Interfaces; Composição e Novas Tecnologias; Música e Educação; Musicoterapia: convergências e aplicabilidades; Linguagem Sonora, Semiótica e Inter-relação das Artes; Músicas e Culturas.*

Partindo do princípio de que a universidade é um lugar que favorece a articulação do pensamento e a integração de saberes e, acreditando que o paradigma reducionista sempre nos priva de uma melhor compreensão da vida e do mundo, aceitamos o desafio de ministrar a referida disciplina em conjunto – duas professoras: uma psicóloga/psicodramatista e uma musicista/musicoterapeuta –, dando-lhe uma roupagem totalmente nova. Para tanto, contamos com formações e experiências profissionais bem diferentes que, ao se conjugarem numa consonância, potencializam a flexibilidade das ações pedagógicas e lançam-nos em um território sem limites estabelecidos *a priori*.

Oferecida aos mestrandos, alunos regulares e especiais do referido programa, a disciplina *Psicologia da Música* trata da natureza dos processos perceptivos, cognitivos, motores, psico-emocionais e espirituais envolvidos no exercício da atividade musical.

¹ Leomara Craveiro de Sá: Doutora em Comunicação e Semiótica - PUC/SP; Bacharel em Instrumento – Piano; Musicoterapeuta; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG; Coordenadora do NEPAM – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Atendimentos em Musicoterapia da UFG/CNPq.

² Célia M^a Ferreira S. Teixeira: Doutora em Psicologia – UnB/DF; Psicóloga Clínica; Professora-pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG; Coordenadora do Serviço de Psicologia do Departamento de Saúde Mental e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFG.

No domínio da Psicologia da Música, como afirma Révész (2001), não é fácil delimitar fronteiras com outras ciências: “a psicologia do som e da música cria uma conexão entre musicologia, física e fisiologia por um lado, e psicologia e estética por outro” (p.vii). Essa abertura permeia toda a proposta da disciplina, uma vez que se distancia de qualquer aprisionamento teórico. É oferecida aos alunos a oportunidade de um conhecimento multidimensional e multifacetado que possibilita o entendimento da dimensão relacional constitutiva dos processos presentes na existência humana. A idéia de música aparece vinculada a diferentes visões – psicanalítica, behaviorista, cognitivista, existencial-humanista, interpessoal, sociológica e transpessoal – abandonando de vez o pensamento calcado em certezas absolutas. Vão se formando vários pontos de aproximação e de distanciamento entre Música como Arte, Música como Educação, Música como Cultura e Música como Terapia.

Nessa linha de pensamento, Carneiro (2001) defende que a arquitetura do conhecimento é espacial, aberta e livre. Assim, “sua estrutura epistemológica é porosa, carregada de capilaridades. Dentro de seus vasos comunicantes, infiltram-se processos e dinâmicas sutis de construção e de apreensão de significados” (p.6). Apoiada nessa perspectiva transdisciplinar, a referida disciplina tem por objetivo promover uma interface de conhecimentos e contribuir para experiências subjetivas rumo às mudanças paradigmáticas voltadas para a música nas mais diversas áreas: Performance, Composição, Música e Cultura, Educação Musical e Musicoterapia. Diferentes olhares, do intérprete, do compositor, do musicólogo, do educador musical e do musicoterapeuta integram-se numa mesma direção: homem-música/música-homem.

Partindo de aspectos estruturais da música – som, tempo, espaço, ritmo, melodia, gesto, harmonia, silêncio, timbre, consonância, dissonância etc. –, integrados a diversas particularidades da condição humana – individuais, sócio-culturais e universais –, os conteúdos caminham pelas trilhas do pensamento complexo e sistêmico, visando potencializar atitudes crítico-reflexivas que emergem das experiências subjetivas. Professores e alunos, vivendo um processo de construção mútua. Um trânsito livre por temas como: A Música na vida; Gesto e (na) Música; Tempo objetivo e subjetivo e (na) Música; Percepção, Emoção, Cognição, Criatividade, Interação Humana e Música; Contribuição da Teoria da Complexidade/Sistêmica para Música na Educação e para Música na Saúde; Psicologia Sócio-Histórica e Música; entre outros.

Enfatizamos, durante todo o tempo, o aspecto vivencial, defendendo que uma melhor aprendizagem ocorre através do sentir, ou seja, “o que realmente se fixa na memória é o que se vive, e o que se vive precisa de emoção” (Byington, 2004, p. 9). No paradigma da simplificação, o cientifismo, marcado pelo reducionismo e pela objetividade, afastou o homem dos sentimentos, das emoções, da subjetividade. Segundo Byington (2004), quando o subjetivo foi eliminado do contexto educacional, levou consigo “a vivência de totalidade, a emoção, a afetividade, a introversão, a intuição” e o mais terrível, em sua visão, isso carregou junto a ética e o amor (p.9).

O sujeito é uma realidade que compreende um entrelaçamento de múltiplos componentes (Morin, 1996). Não se trata, contudo, da justaposição de dimensões físicas e psíquicas. Há um encadeamento de experiências do conhecimento sobre a própria existência, dando sentido ao mundo, criando, a cada momento, um novo sentido para a realidade circundante. Ao aluno foi dada a oportunidade de construção do processo de reflexão, condição essencial para a transformação, seguindo um trajeto de incessantes buscas, permeado por princípios norteadores em que certezas e incertezas se complementam. E, “...subitamente tudo parece mais suave e mais complexo, o mundo vira uma mistura discernível de múltiplos tons, cores, ritmos, intensidades, reverberações, cadências, qualidades, acontecimentos/.../uma pulverização, reagrupamentos, novas dimensões, proliferações...” (Pelbart, 1993, p.42).

Edgar Morin, um dos maiores pensadores da pós-modernidade, propondo uma reforma do pensamento, transpõe a lógica clássica, que se funda em procedimentos científicos simplificadores e lineares, rumo ao pensamento edificado sob o alicerce da complexidade, aquele capaz de religar, de rejuntar contrários (Morin, 1999). Novas formas de se pensar e compreender o mundo, novos valores,

novas responsabilidades: consigo mesmo – ecologia mental; com o outro – ecologia social; com a Natureza – ecologia ambiental; e com o Cosmos – ecologia cósmica (Morin, 2003). A música pode ser um dos caminhos para se fazer tais (re)ligações.

Um princípio muito importante é, pois, integrar aquele que estuda ao seu objeto de conhecimento. É impossível, dentro desse paradigma, dissociar o conhecedor do conhecimento. Quem vive a música tem sua história inscrita na própria evolução do seu conhecimento.

As vivências realizadas no decorrer da disciplina foram desenvolvidas utilizando técnicas da Musicoterapia integradas às do Psicodrama de Moreno que juntaram-se ao referencial teórico sobre processos psicomusicais, demarcando a transição do pensamento paradigmático da simplificação para o da complexidade. Aqui, homem e música “se interconectam para a catálise dos processos de cognição” (Carneiro, 2001, p. 6). E como é fácil percorrer este caminho “com a” e “por meio da” música, uma vez que a música vem do homem e volta para ele com força total, tocando-o em suas mais variadas dimensões: biológica, pessoal (autobiográfica), cultural e arquetípica. A música pode conduzi-lo a outros tempos e lugares; colocar em movimento sua energia corporal e psíquica; transgredir padrões pré-estabelecidos; desenvolver relações intra e interpessoais; propiciar transformações psico-emocionais, cognitivas e espirituais. Música resgatando memórias ontogenéticas e filogenéticas.

Um exemplo da dimensão que embasa tais aspectos, regido pelo pensamento integrador, pode ser retirado de uma das aulas em que foi solicitado aos alunos a representação de sua “linha da vida”. Ali, sons e músicas emergiam num processo revelador de sentidos e significados. Pôde-se perceber, no material criado pelos alunos, o conjunto de experiências afetivas, sensíveis, representativas da relação eu-outro. Tais experiências reverenciavam a consciência de um unitário existencial, síntese das diferenças, contradições, anseios, crises, encontros, desafios. Cada momento da vida, parte do existir, conectado a uma cadeia circular de acontecimentos musicais, capaz de ser resignificado à luz de uma nova forma de se ver no mundo.

Música...forças sonoras que conduzem à formação de imagens, à visualização de cores, cenas, formas, texturas etc. Música que narra, que descreve, que disserta. Música que faz percorrer o tempo numa velocidade inconcebível...música que conduz a um estado de pura virtualidade/.../música que conduz a outros estados de humor e de consciência...música que, muitas vezes, organiza e, outras tantas, desorganiza...música que, em alguns momentos, equilibra e, em outros, causa reação totalmente contrária...música-corporalidade, música-tempo...multiplicidades... (Craveiro de Sá, 2003, p.131).

A riqueza das experiências subjetivas, associadas aos interesses vinculados a diferentes linhas de pesquisa, foi fundamental para o enriquecimento das reflexões em sala de aula. Ao integrar aspectos cognitivos e emocionais, propiciados pelas experiências musicais, com o estudo de suas possíveis implicações psico-sociais, mudanças no pensamento e nas ações acadêmicas e profissionais vão se evidenciando. Uma conjunção de Música, Filosofia e Psicologia, contribuindo na construção de seus projetos científicos. Uma nova aprendizagem, em que sentir e pensar a música, contextualizando-a, conduz ao enfrentamento dos desafios de uma realidade multidimensional, permitindo não só o intercâmbio entre saberes, mas o exercício dos princípios que norteiam a prática e o viver a música.

Referências Bibliográficas:

BYINGTON, Carlos Amadeu B. Emocionar para Ensinar. *Revista VIVER Psicologia*, no.134 – Ano XII – p.8-11, Março, 2004.

CARNEIRO, Moaci A. Prefácio (2001) In: FERNANDES, A., GUIMARÃES, F. R. BRASILEIRO, M. C. E. (Org.) *O Fio que une as Pedras: a pesquisa interdisciplinar na pós-graduação*. São Paulo: Ed. Biruta, p. 5-7, 2002.

CRAVEIRO DE SÁ, L. *A Teia do Tempo e o Autista: Música e Musicoterapia*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

MORIN, Edgar. A Noção de Sujeito. In: Schnitman, Dora Sried (Org.) *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 45-55, 1996.

_____ Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA. *O Pensar Complexo – Edgar Morin e a Crise da Modernidade*, Rio de Janeiro: Gramont, p.21- 34, 1999.

_____ *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

PELBART, Peter Pál. Um Direito ao Silêncio. *Cadernos de Subjetividade – Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*, vol.1, n.1, p41-48, 1993.

RÉVÉSZ, Geza. *Introduction to the Psychology of Music*. Translated from the German by G.I.C. de Courcy. Mineola, New York:Dover Publications, Inc., 2001.